



Diálogos

ISSN 2177-2940



Semeando o pensamento de Enrique Dussel: epígrafes contundentes para decolonizar, libertar e esperar

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v29i1.74628>

Ivan Fortunato

 <https://orcid.org/0000-0002-1870-7528>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFSP). Itapetininga-SP, BR E-mail: ivanfrt@yahoo.com.br

Sowing the thought of Enrique Dussel: compelling epigraphs for decolonizing, liberating, and fostering hope

Abstract: Written as a free essay, this text aims to present fragments of Enrique Dussel's Philosophy of Liberation in Latin America as if sowing his ideas to the wind, without knowing if they will take root. It is not an analytical, historical, comparative, or exploratory study... rather, it relates to a reflection of the soul before any interference from the mind. Methodologically – if one could say there is any methodology – the text was crafted from compelling sentences taken from the mentioned book, which function as generators epigraphs (returning to Paulo Freire) of ideas for decolonizing, liberating, and fostering hope. In the end, it is hoped that the reflections presented here will mobilize further reflections regarding the urgent and necessary decolonial process of human life.

Key words: Intercultural Education, Decolonial Thought, Indigenous peoples, Traditional knowledge.

Sembrando el pensamiento de Enrique Dussel: epígrafes contundentes para decolonizar, liberar y esperar

Resumen: Escrito en forma de ensayo libre, este texto tiene como objetivo presentar fragmentos de la obra Filosofía de la Liberación en América Latina de Enrique Dussel, como si estuviera sembrando su pensamiento al viento, sin saber si llegará a germinar. No se trata de un estudio analítico, histórico, comparativo o exploratorio... pues se relaciona con una reflexión del alma antes de cualquier interferencia de la mente. Metodológicamente – si es que se puede decir que hay alguna metodología – el texto fue elaborado a partir de frases potentes extraídas del mencionado libro, que funcionan como epígrafes generadores (retomando a Paulo Freire) de ideas para decolonizar, liberar y esperar. Al final, se espera que las reflexiones aquí presentadas movilicen otras reflexiones sobre el urgente y necesario proceso decolonial de la vida humana.

Palabras clave: Descolonial; ensayo; esperanza; liberar.

Semeando o pensamento de Enrique Dussel: epígrafes contundentes para decolonizar, libertar e esperar

Resumo: Escrito na forma de um ensaio-livre, este texto objetiva apresentar fragmentos da obra Filosofia da Libertação na América Latina de Enrique Dussel, como se estivesse semeando seu pensamento ao vento, sem saber se irá germinar. Não se trata de um estudo analítico, ou histórico, ou comparado, ou exploratório... pois tem a ver com uma reflexão da alma antes de qualquer interferência da mente. Metodologicamente – se é que se pode dizer que há alguma metodologia – o texto foi elaborado a partir de frases potentes retiradas do referido livro, que operam como epígrafes geradoras (retornando a Paulo Freire) de ideias para decolonizar, libertar e esperar. Ao final, espera-se que as reflexões cá trazidas sejam mobilizadoras de outras reflexões sobre o urgente e necessário processo decolonial da vida humana.

Palavras-chave: Decolonial; ensaio; esperança; libertação.

Recebido em: 13/11/2024

Aprovado em: 06/12/2024

Preâmbulo (des)necessário para explicar a escrita

Este é um texto que nasce da provocação apresentada por Milagros Elena Rodriguez, na chamada de artigos para este dossiê, ao apresentar a questão: o que é ser Dulsseniano? Pergunta impactante, que permeia a ideia central do dossiê, estampada no seu título: *leituras decoloniais com o filósofo da libertação*. Afinal, ser Dulsseniano vai muito além de ler e citar suas obras, de conhecer sua história de vida e as batalhas escolhidas para lutar durante sua vida. Ser Dulseniano implica viver a libertação, constantemente buscando meios de valorizar a vida, rompendo com o *status quo* estabelecido por uma visão simplificada de um mundo unicultural. Somos múltiplos.

Assim, contrariando a ciência clássica, eurocêntrica, este artigo não foi escrito a partir da tradicional fórmula introdução-metodologia-resultados-conclusão. Trata-se de uma experimentação, a qual se pode nomear como ensaio-livre. Mas, não deve ser entendido como uma experimentação empírica ou laboratorial, na qual se pretende realizar testes, organizar as observações e validar os resultados obtidos à luz de algum protocolo positivista já cristalizado no modo de se fazer ciência. É uma experimentação outra, que parte da alma, torna-se escrito e provoca inflexões e reflexões sobre o (nosso) modo de vida que segue nos dando apenas duas opções: oprimir ou ser oprimido.

Aliás, essa é uma das mais valiosas lições de Freire (1987, p. 23), que é “o trágico dilema dos oprimidos”. Enfrentar a opressão sem se tornar opressor. Quer dizer superar a contradição que há nas batalhas travadas contra o opressor, pois sua conquista não é a libertação, mas o benefício da opressão. Isso quer dizer que deixar a própria condição de oprimido não significa encerrar o ciclo de dominação do ser humano sobre o ser humano, mas seguir alimentando esse ciclo. Seria possível encontrar saídas desse ciclo? Ou melhor, queremos sair dele?

Buscar respostas positivas a tais inquietações representa um pouco a essência de ser Dulsseniano. Foi justamente ao me debruçar sobre o dilema Freireano e a filosofia Dulsseniana que tive a ideia para este artigo: semear Enrique Dussel. Metaforicamente, é como se estivesse lançando sementes ao vento, sem ter a certeza de que irão germinar e, se porventura germinarem, que floresçam.

O que representam as sementes são frases retiradas da obra *Filosofia da Libertação na América Latina* (DUSSEL, 1977). Utilizadas como epígrafes, elas operam aqui como as “palavras geradoras” de Paulo Freire, ou seja, possibilitam criar novas frases, movimentando o pensamento. Paulo Freire (1967) acreditava que as palavras geradoras seriam suficientes para alfabetizar as pessoas e, assim, iniciar um processo de conscientização pela educação. Quiçá as epígrafes geradoras sejam suficientemente instigantes para ver radiar nossa libertação.

Epígrafe Geradora número I: “Não há paz, quebram até as flores” (Susana, filha de Enrique Dussel, anos 9 anos de idade – apud DUSSEL, 1977, p. 5)

Com Enrique Dussel, almejo defender a ideia de decolonização como movimento que se contrapõe à colonização. Assim, antes de mais nada, é necessário iniciar com a afirmação de que decolonizar é necessário, urgente e insuficiente.

Necessário, pois significa recuperar o que foi ocultado da nossa humanidade pela barbárie da colonização. As linguagens, as organizações sociais, os mitos, os ritos, os jogos, a alimentação... enfim, tudo o que foi outrora considerado selvagem pelos civilizadores, portanto, sendo destruído de forma selvagem por aqueles que disseminavam uma humanidade única.

Urgente porque, cada vez mais, assistimos a barbárie da civilização matando as pessoas de fome, de sede, de escravidão, de intolerância de todo tipo. Quando não mata o corpo, adoece a mente, nos tornando dependentes dos químicos e do modo de vida empreendedor, que nos transforma em máquinas produtivas.

Insuficiente, pois a colonização é tão bárbara que quebra até as flores que ornamentam os campos e contém os germens da vida. A colonização simplesmente não se importa. Não obstante, mesmo que tomemos uma ampla consciência global, reconhecendo que vivemos em um sistema agressivo e injusto, ainda assim haverá muitas dificuldades e muitos entraves para iniciar um processo de restauração da humanidade.

As flores quebradas quiçá poderão germinar novas vidas, mas não em solos inertes e impermeáveis. Precisamos nos libertar da aridez da vida para, então, (re)criar novos terrenos de paz, sobre os quais as flores poderão florescer e lá permanecer.

Epígrafe Geradora número II: “Antes do ego cogito existe o ego conquiro” (DUSSEL, 1977, p. 10)

Eis uma constatação que explica, mas não justifica, o eurocentrismo. Na leitura de Enrique Dussel, o *ego conquiro* é a expressão do *eu cogito*. Nesse sentido, é como se a capacidade humana de pensar se evidenciasse pela conquista da natureza, de todas as terras e de todos os seres selvagens que, incapazes de pensar pela mesma linguagem, cultura e religião dos colonizadores, deveriam ser dominados, domesticados e escravizados. Caso não fosse possível, deveriam ser eliminados.

Séculos se passaram desde as grandes navegações que partiram da Europa e conquistaram o mundo. Conquistar no sentido de imposição e força bruta. De oprimir a expressão da cultura dos povos originários, transformando-os em escravos, mercadoria ou simplesmente eliminando-os.

Séculos depois, graças aos esforços eurocêntricos que culminaram em guerras mundiais, o poder foi migrando para outros locais, mas a lógica se manteve: *cogito ergo conquiro*.

A operação agora é outra, é neoliberal. As multinacionais seguem dominando a economia, a tecnologia segue dominando a cultura e ainda há conquista da natureza (quando há desastres, chamamos de naturais) e certamente ainda há conquista das pessoas (sob o nome de empregados ou empreendedores e, obviamente, ainda há o tráfico de pessoas como mercadoria e a escravização para o lucro). Mesmo a operação sendo outra, a lógica é a mesma.

É preciso, como projeto de humanidade, mudar tudo isso. Encontrar meios de convivência entre as distintas culturas, economias, linguagens, religiões, conexões com a natureza, enfim, ao invés de *cogitare per conquire*, *cogitare per vivere*. Ou seja, pensar para viver e não para dominar.

Epígrafe Geradora número III: “Que a rosa cresça e exale seu perfume, é de sua própria constituição real. Que a rosa seja a rainha das flores, que quando são vermelhas sejam dadas pelo namorado à noiva é mundano, é ter sentido e valor” (DUSSEL, 1977, p. 42)

Há uma óbvia distinção entre ontologia e axiologia. O exemplo da rosa dado por Enrique Dussel nos ajuda a esclarecer essa notória diferença que, no cotidiano vivido, tendemos a nos esquecer dela, pensando e agindo como se o valor atribuído às coisas fosse seu valor essencial. Dessa maneira, a cultura dominante, que foi se impondo pela força, acabou não precisando mais usar a brutalidade, pois se tornou o habitual. Passamos, assim, a aceitar que o Sul é o lugar pobre do mundo, que existe para servir o Norte que, mais rico, mais desenvolvido, mais civilizado, é a rosa vermelha da sociedade.

Não é bem assim. Claro que o Norte tem seu perfume e sua beleza, assim como tem seus espinhos protetores. Mas, sua posição como rei do mundo não é algo ontológico, mas cultural. Construída, reforçada e consolidada durante o período colonial, essa posição central no mundo tornou-se algo líquido e certo, tal qual a rosa se tornou a rainha das flores.

O que temos visto, seguindo o raciocínio dessa mesma metáfora, é que o Ipê-Amarelo, a *Cattleya Walkeriana*, o Ceibo... todas passaram a querer não apenas o respeito pelo seu habitat natural e pela possibilidade de crescer e exalar seu perfume e exibir sua beleza. Isso porque todas vão almejando o lugar da rosa rainha e, para isso, vão buscando meios de se tornarem rosas, mesmo que implique apagar sua história.

Vimos, então, que a colonização não deixou de existir quando os países do Sul lutaram contra sua posição colonial e alcançaram independência política. Isso porque seguimos dominados de maneira geral pela cultura dominante, querendo nos tornar iguais aos que nos dominam.

Epígrafe Geradora número IV: “Partindo do simples conselho do pai no paleolítico chegou-se às universidades e institutos de alta precisão tecnológica” (DUSSEL, 1977, p. 42)

Como professor formador de novos professores, amiúde me deparo com textos mais antigos, que retornam 10 ou 20 ou 60 ou 400 anos na história, ou textos que fazem referência a esses escritos anteriores, que tratam da educação acadêmica. Há uma espécie de círculo vicioso retratado na história, pois é patente que a educação institucionalizada tem como objetivo principal o controle das novas gerações. Observa-se que é necessário, primeiro, dominar as coisas como são para, então e somente então, poder propor algum refinamento ao conhecimento cumulado.

Existe uma expressão brasileira que retratam bem tudo isso: “não é preciso reinventar a roda”. Utilizamos essa frase especialmente quando nos deparamos com alguma situação-problema, cuja solução não deve ser distinta às já conhecidas. Essa coisa de não reinventar a roda me faz pensar na epígrafe que correlaciona a universidade que temos com o conselho de pai para filho no mundo paleolítico: não há liberdade para se pensar de forma diferente do que se está posto. É preciso sempre partir do que se conhece, jamais vivendo a aventura de se desbravar o desconhecido.

Assim opera a escola, o instituto, a universidade: desejamos que os estudantes tenham autonomia, mas, dentro dos limites que estabelecemos. Por isso temos currículos que, criados por especialistas, já dizem o que deve ser ensinado e aprendido. Se há pesquisa, esta deve ampliar o conhecimento, partindo do que já se conhece. Além disso, temos os sistemas de controle, seja de presença, sejam os avaliativos, que colocam rédeas na forma de aprender e de produzir novos conhecimentos.

Quem sabe se tivermos uma educação livre, que permita e até deseje que a roda seja reinventada, as novas gerações não tragam outras formas de viver o mundo, menos ríspida, menos intolerante, longe de um ciclo de opressão e oprimidos, de poucos bilionários e milhões de miseráveis...

Epígrafe Geradora número V: “A libertação do oprimido é realizada pelo oprimido, mas por mediação da consciência crítica do mestre” (DUSSEL, 1977, p. 100)

Paulo Freire identificou que o oprimido deseja tornar-se opressor. É como se isso fosse uma vontade reprimida daqueles que vivem a condição de ser dominados pelo sistema vigente. Acredito que tal anseio, velado ou expresso, seja resultado da própria colonização que praticamente eliminou outras formas de existir no mundo. Desde que o mundo foi colonizado, o planeta foi se tornando

uma cultura única, uma economia única, e as pessoas foram sendo habituadas a viver praticamente em uniformidade. Nesse planeta, ou se é oprimido ou opressor.

Por isso que as ideias de libertação são fundamentais para a vida planetária. Elas nos ajudam a ampliar nossa percepção sobre as questões mundanas e nos levam à compreensão de que não há um único modo cultural de existir. Há outros, muitos outros. Existem aqueles que deixaram de existir há séculos, pela brutalidade colonial. E existem aqueles que se encontram em locais de resistência, sobrevivendo em pequenas comunidades.

A epígrafe, por sua vez, nos ensina o seguinte: não há como se libertar da opressão colonial ou neocolonial sem que aquele que coloniza tome consciência de seu papel opressor. E é possível de que aquele que exerça a opressão desconheça sua função na manutenção do *status quo*.

Um professor ou uma professora, por exemplo, ao seguir estritamente o currículo, exercendo a educação bancária por meio de depósitos de envelopes de saberes, pode acreditar que está dando os conhecimentos e as ferramentas que cada estudante poderá usar para *vencer na vida*. Age assim acreditando que está ajudando seus estudantes a *melhorarem de vida* sem, de fato, se dar conta de que está fortalecendo o *status quo*: alguns estudantes irão *vencer*, mas, a maioria irá *perder*.

Isso apenas evidencia o quanto libertação somente pode vir a acontecer quando todas as pessoas envolvidas no sistema opressor se derem conta de como o sistema trabalha para a manutenção das coisas como estão.

Fecho/desfecho para encerrar a escrita e seguir a sementeira

Instigado pela sedutora questão central deste dossiê, trazida pela professora Milagros Elena Rodriguez, lancei-me em um processo investigativo-introspectivo, buscando compreender-me como Dusseliano ou como apenas alguém que, amiúde, faz referência às suas ideias libertárias.

Acreditando que o trabalho que venho desenvolvendo como pesquisador e como professor das áreas de humanidades pode ser qualificado como Dusseliano, pois constantemente busco desafiar o *status quo*, decidi promover uma escrita semeadora. Usei trechos do filósofo da libertação como *epígrafes geradoras* de pensamentos libertários e fui tecendo ideias geradas a partir da leitura de cada trecho.

Foi uma experimentação. Um método que desafia a ciência positivista colonizadora, que exige introdução > revisão de literatura > materiais e métodos > resultados > conclusão, e que rejeita quaisquer outras formas de produção de conhecimento.

Graças à sua escritura, identifiquei que a sementeira é uma potencial metodologia de libertação, pois permite que novos outros saberes, ideias, teorias, teoremas, hipóteses, conjecturas, axiomas... sejam produzidos e que encontrem libertação.

Além disso, percebi que há três maneiras fundamentais de semear saberes libertários. O primeiro é o da escrita, sobre o qual não se sabe se os germens cá escritos serão lidos e se forem lidos, não há maneira alguma de se identificar se brotaram; quiçá por meio de citações em outros escritos, mas isso é uma forma bastante simplificada e até oca de se evidenciar se houve florescimento.

A segunda maneira de semear é pela oratória. Por meio dos discursos nas salas de aula e eventos acadêmicos, é possível lançar as ideias libertárias pela fala, defendendo o fim do colonialismo, seja o tradicional que ainda existe, seja o neocolonialismo que, mais forte, faz com que o mundo todo trabalhe para manutenção do *status quo*.

Por fim, a terceira maneira é a que acredito ser a mais contundente de todas: a semeadura pelas atitudes. Vivendo de forma congruente o discurso libertário por meio de ações libertárias, enfrentando o sistema a partir de onde se inicia a jornada. Como professor, por exemplo, posso escrever e dizer que sou libertário, mas, se dentro de uma sala de aula promovo aulas bancárias, colocando o currículo no centro, estou semeando a contradição.

Assim, acredito que é preciso viver o enfrentamento, provocar o sistema e ir batalhado contra toda e qualquer forma de opressão. Como professor, tenho escolhido o próprio sistema escolar que, nascido aqui no Brasil como elemento de domesticação dos selvagens, segue sendo uma forma de opressão bastante significativa. Isso porque a educação institucionalizada vem servindo muito bem ao sistema, impondo sua narrativa neoliberal no cotidiano de toda sua comunidade: cada um deve se esforçar ao máximo para ser o melhor, pois o sistema não comporta todo mundo.

Ao final, fica a esperança – e sigo esperando – que os rudimentos libertários cá semeados encontrem terrenos férteis e que floresçam por aí, libertando-nos.

Referências

DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1977. *Filosofia na América Latina*, v. 1.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.